ResearchGate

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: https://www.researchgate.net/publication/327446436

A variação entre ter e haver em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal)

Preprint · January 2018

CITATIONS
0

READS
292

1 author:

Aline Bazenga
University of Madeira
127 PUBLICATIONS **131** CITATIONS

SEE PROFILE

All content following this page was uploaded by Aline Bazenga on 05 September 2018.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

A variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal).

Aline Bazenga

Universidade da Madeira /CLUL

A sintaxe do português, tal como outros domínios do seu sistema, mudou ao longo do tempo. No entanto, algumas variedades do português europeu (PE), sobretudo insulares, exibem traços sintáticos não-padrão mais conservadores (Carrilho e Pereira, 2011; Segura, 2013; Martins, 2016), que resistiram à mudança ocorrida em variedades continentais, de que é exemplo o uso de *ter* em construções existenciais (*onde eu trabalho **tem** muita gente de idade)*. O estudo que propomos, realizado no âmbito da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 1968; Labov, 1972), visa analisar as ocorrências de *ter* e de *haver* neste tipo de construções em amostras do PE falado no Funchal (PEI-Funchal), selecionadas a partir do *Corpus Concordância* (Bazenga, 2014). Os resultados apontam para valores significativos do uso da variante *ter* não-padrão - embora não tão expressivos quanto os observados em variedades do Português do Brasil (PB) (Mattos e Silva, 2002a, 2002b; Avelar, 2006a, 2006b) - como também para a influência de variáveis linguísticas (morfologia do verbo e traço semântico do N que integra o SN à sua direita) e sociais (género e nível de escolaridade dos falantes), em conformidade com o observado em trabalhos similares, realizados no âmbito das variedades do PB).

Palavras-chave: variação *ter*/*haver* em construções existenciais, sociolinguística variacionista, variedade do PE falado no Funchal, ilha da Madeira.

1. Introdução

A construção existencial canónica em Português Europeu (PE) contemporâneo pode ser representada pela configuração *Ø haver y*, no qual *y* é um constituinte interpretado como argumento interno (objeto direto). Por não selecionar um argumento externo ou sujeito, o verbo realiza-se invariavelmente na 3.ª pessoa do singular, sendo a construção analisada também como impessoal:

(1) Há muitos apartamentos para alugar no Funchal/este ano.

No entanto, nas variedades faladas do português do Brasil (PB), os falantes recorrem maioritariamente ao verbo *ter* realizado numa estrutura deste tipo, considerada a construção existencial padrão. O uso do verbo *haver*, com valor existencial, é não só pouco frequente, como está também submetido a um maior número de restrições.

Recentemente, a análise de dados dialectais do PE, disponibilizados pelo *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (*CORDIAL-SIN*)[1], permitiu identificar usos de *ter* com valor existencial por parte de falantes de PE, mas circunscritos às áreas insulares (Madeira e Açores).

Neste artigo, pretende-se dar conta de um estudo quantitativo e qualitativo da variação *ter*/*haver* em construções existenciais numa dessas variedades do PE insular, a do Funchal (doravante, PEI-Funchal). Trata-se de um trabalho que se enquadra na Sociolinguística Variacionista, tendo por base uma amostra estratificada de dados de fala provenientes de 12 informantes, extraída do *Corpus Concordância*[2]. No sentido de contribuir para uma melhor compreensão deste fenómeno no âmbito das variedades do Português (europeias e extra-europeias), pretende-se estabelecer correlações, sempre que possível, com os resultados publicados provenientes de estudos que têm por foco variedades do PB, e sublinhar algumas particularidades tidas como específicas ao sistema em uso na variedade do PEI-Funchal.

Na secção 2, a seguir, apresenta-se, em síntese, os contributos teórico-metodológicos de referência quanto ao estudo do fenómeno linguístico em causa - as construções com os verbos *ter* e *haver* com valor existencial - e que nortearam a investigação realizada.

---

[1] O *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN),* criado em 1999 e dirigido por Ana Maria Martins, do Centro de Linguística da Universdade de Lisboa (CLUL), é um corpus anotado que visa o desenvolvimento da investigação sobre a variação sintática dialetal, numa perspetiva de Princípios e Parâmetros no quadro da Gramática Generativa. O material do CORDIAL-SIN é constituído por transcrições de excertos de fala espontânea e semi-dirigida resultantes de inquéritos dialetais realizados em 42 localidades de Portugal continental e arquipélagos dos Açores e Madeira, no âmbito de projetos de geografia linguística do CLUL (ALEPG, ALLP, ALEAç, BA). O tipo de informante selecionado - idoso, pouco escolarizado ou analfabeto, natural da localidade e nela residente – segue os critérios tradicionalmente em uso na Dialetologia. No seu estado atual, o *corpus* abrange 600.000 palavras, 70 horas de gravações, e as transcrições e texto anotado estão disponíveis no *site* do CLUL (Carrilho e Magro, 2010).

[2] *O Corpus Concordância,* criado no âmbito do projeto internacional *Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias*, iniciado em 2008 e da responsabilidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Brasil, e do CLUL, em Portugal, coordenado~~,~~ por Sílvia Rodrigues Vieira e Maria Antónia Mota, respetivamente. Este *corpus* tem por objetivo estabelecer padrões variantes de concordância, associando-os a variedades e subvariedades (desde o padrão até outras variedades dialetais), o que contribui para determinar diferentes normas/gramáticas em coexistência e em concorrência em cada espaço geográfico onde se fala português. Em Portugal continental, foram recolhidas 25 gravações em Lisboa/Oeiras, 27 gravações no Cacém, cidade-dormitório vizinha de Lisboa, além de 27 gravações no Funchal, na ilha da Madeira, realizadas por estudantes da Universidade da Madeira sob a coordenação de Aline Bazenga, da mesma universidade. As recolhas na Ilha continuam a ser realizadas, recorrendo à metodologia utilizada no projeto. Entre 2010 e 2014, foram coletadas 70 entrevistas, perfazendo um total aproximado de 40 horas de gravações, transcritas de acordo com um conjunto de normas ortográficas (Bazenga, 2014).

Na secção 3, procede-se à apresentação do estudo realizado, tendo por base dados do PEI-Funchal. Descreve-se a metodologia utilizada e são apresentados e analisados ~~d~~os resultados mais relevantes. Nesta secção, e a anteceder as considerações finais, estabelecem-se comparações com resultados provenientes de estudos realizados no âmbito do PB, dada a ausência de trabalhos sobre as construções em causa, baseados em *corpora* estratificados em PE. Discutem-se ainda algumas questões, com caráter preliminar, no sentido de contribuir para a reflexão sobre as origens da construção com *ter* existencial no PB. Sobre este assunto, coexistem duas hipóteses: a hipótese conservadora, que aponta para a emergência desta construção no Português Medieval (Carvalho, 2014), e a hipótese inovadora, segundo a qual esta construção teria surgido no Brasil no século XIX (Avelar, 2006a, 2006b). A opção por uma ou outra hipótese conduz, quase inevitavelmente, a um posicionamento, num plano mais alargado, a favor de uma das duas perspetivas em debate sobre a questão da formação do PB e da sua relação com o PE, nomeadamente (i) a perspetiva que preconiza uma relação estreita entre as duas variedades, a **hipótese da deriva** (Naro e Scherre, 2007), e (ii) a que aponta para uma rutura nesta relação, provocada pelo contacto linguístico do português falado no Brasil, sobretudo com as línguas africanas, responsável por uma maior diferenciação entre as duas variedades, a **hipótese do contacto** (Lucchesi, Baxter e Ribeiro, 2009; Avelar e Galves, 2014). Neste plano, a construção existencial com *ter*, ao ser considerada como "uma das marcas que caracterizam o português do Brasil afastando-o do português de Portugal e aproximando-o do de Angola e Moçambique" (Leite, Callou e Moraes, 2003: 101), favorece a última perspetiva.

2. O verbo *ter* com valor existencial em variedades do português

Na construção com *ter*, atestada nas variedades do PB observa-se frequentemente a presença de um elemento locativo expresso por um sintagma preposicional, ou um constituinte de tipo adverbial, ou ainda por uma expressão temporal, como, nos exemplos retirados de uma amostra do PB por Franchi, Negrão e Viotti (1998):

(2) a. "Em São Paulo acho que *tem* um problema específico (...)" (SP -343)
b. "Muitas vezes, *tem* lugares por aí que [os casebres] não tem [telha]." (RJ, 168)

Os adjuntos adverbiais de lugar ou de tempo tornam possível uma interpretação de tipo *conteúdo – continente*, posta em evidência em trabalhos como os de Franchi, Negrão e Viotti (1998) e de Viotti (1999), para quem haveria também uma relação muito próxima entre posse e existência, ilustrada em (3), questão que será retomada e desenvolvida por Avelar e Callou (2007b).

(3) a. **Posse:** A cantina *tem* um monte de aluno
b. **Existência:** *Tem* um monte de aluno na cantina

Viotti (1999), apoiando-se em dados diacrónicos de *ser*, *haver*, *ter* e *estar*, observa uma proximidade entre as construções de (3) e as locativas apresentadas em (4), a seguir.

(4) a. Um monte de aluno *está* na cantina
b. A cantina *está com* um monte de aluno

Estas relações explicariam a preferência por *ter*, uma vez que na construção pessoal este verbo permite a presença do locativo em posição de sujeito (Viotti, 1999), estrutura que se enquadra no processo de perda da ordem VS em construções apresentativas (Kato, 2000; Coelho, 2000) e pela preferência por uma ordem SV(O). Estes factos refletem-se na tendência para preencher o sujeito, em posição pré-verbal, em construções com ver-

bos inacusativos e verbos impessoais, tal como ocorre com o verbo *ter*, em (5), com valor genérico, sem que a interpretação, no entender de Duarte (2003) seja de posse[3].

(5) "Não é como o Rio de Janeiro, que **você** [em cada esquina] **você** *tem* um bar pra você lanchar." (Nad 00) (Duarte, 2003: 123)

Avelar e Callou (2007) adiantam, sobre este assunto, que o enfraquecimento da morfologia verbal no PB teria levado os falantes do PB a uma reanálise dos usos de *ter* com sujeito nulo como tendo valor existencial e não de posse, e que este processo ter-se-ia iniciado por volta do século XIX.

A análise das propriedades dos verbos *ter* e *haver* com valor existencial nas variedades do português e os resultados de investigação neste domínio podem ser organizados em função da distribuição da literatura por dois planos:

(i) a que tem por objeto documentos do português anteriores ao século XVI e à descoberta do Brasil (Mattos e Silva, 1989; Mattos e Silva, 1996; Mattos e Silva, 1997; Sampaio, 1978)

e

(ii) a que se realiza a partir de dados de escrita e de fala no âmbito do PB, não só em diacronia - como é o caso do trabalho realizado por Eleutério (2003), baseado em documentos notariais produzidos no Brasil no século XVII, e o de Marins (2013), que contempla vários períodos temporais – mas também a que privilegia amostras do PB contemporâneo e sob várias perspetivas teóricas-metodológicas (Franchi, Negrão e Viotti, 1998; Viotti, 1999; Callou e Avelar, 2000; Duarte, 2003; Callou e Duarte, 2005; Avelar, 2006a, 2006b; Avelar e Callou, 2007a, 2011; Baptista, 2012; Vitório, 2013, entre muitos outros).

As propriedades testadas neste trabalho têm por referência as análises e os principais resultados publicados na vasta literatura, sumariamente acima referida.

[3] Esta possibilidade será discutida e objeto de maiores desenvolvimentos em Callou e Avelar (2011).

No âmbito do PE contemporâneo, os trabalhos publicados são muito recentes e em número muito reduzido. Trata-se de investigação que recorre a amostras do PE falado, selecionadas a partir do *CORDIAL-SIN* (Carrilho e Pereira, 2011, 2013; Pereira, 2014) e os trabalhos de Bazenga (2011, 2012), realizados a partir de dados coletados no Funchal para o *Corpus Concordância*. O conjunto destes trabalhos dá conta de usos de *ter* existencial atestados no PE, produzidos quase exclusivamente por informantes dos arquipélagos dos Açores e Madeira, como exemplificado em (6) e (7).

(6) ***CORDIAL-SIN* (Carrilho e Pereira, 2011)**

a. "Porque aqui à nossa frente, *tinha* um alto, tinha um moinho de vento e não via a casa da minha mãe! (PST16)";

b. "Mas *tinha* muitos moinhos por aqui fora. (CLH03)"

(7) ***Corpus Concordância* (Bazenga, 2011, 2012)**

a. "lá em baixo no centro onde *tem* um italiano espetacular" (FNC11_HA1);

b. Porque no Continente *tem* as discotecas onde vai toda a gente" (FNC11_HA2)

c. "*tem* bastantes colégios aqui na Madeira" (FNC11_MA3 111-2)

d. "na rua dos ilhéus onde *tem* dez_vinte prédios de apartamentos" (FNC_CH 3.1 102)".

Num trabalho posterior e com recurso igualmente ao *CORDIAL-SIN*, Pereira (2014) procura estabelecer uma classificação dos dialectos portugueses com base em fenómenos de natureza sintática. Das cinco configurações propostas, aquela que corresponde a uma área dialectal formada pelo conjunto dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, isolada do continente português (Figura 1), resulta de duas estruturas sintáticas presentes nestes espaços insulares: os usos do possessivo pré-nominal sem artigo ("Olha, fala com teu avô!") e da construção existencial com *ter* impessoal, objeto deste artigo.

Figura 1 – Área dialectal dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira com base na presença de usos de *ter* impessoal e existencial e de possessivo pré-nominal sem artigo, a partir do CORDI-AL-SIN (Pereira, 2014: 460)

Para além de *ter* existencial, os dados do *CORDIAL-SIN* permitem observar que a expressão da existência pode ser realizada através de uma construção com *estar*, essencialmente nos dialetos insulares e centro-meridionais, em que o verbo ocorre preferencialmente na terceira pessoa do singular, com um constituinte nominal também no singular:

(8) - Não há nada aqui que chamem segurelha? Não? Uma erva?
- *Está* alguma erva que se chama segurelha, Amélio? Sabes?

(Pereira, 2014: 455)

Como observa Pereira (2014: 455), "É relevante notar, em termos descritivos, que diferentemente do que se passa com os exemplos de *ter* existencial, que invariavelmente exibem (…) a forma verbal no singular, no caso de *estar* esse não é o único contexto disponível para veicular a leitura existencial", podendo este verbo ocorrer no plural:

(9) "- Olhe, e quem é que faz esses trabalhos de fazer os cestos?
- Isso qualquer... Estão muitos que fazem"

(Pereira, 2014: 455)

A construção com *ter* existencial tem vindo a ser considerada, assim, no âmbito da dialetologia portuguesa, como um traço sintático identificador dos dialetos insulares, em contraste com os dialetos centro-meridionais e setentrionais do PE. Esta configuração

vai também ao encontro de Cintra (1990) e de outros trabalhos mais recentes sobre os dialetos insulares (entre outros, Segura e Saramago, 1999; Segura, 2013) que sublinham os seus traços diferenciadores relativamente ao português falado em Portugal continental.

Nas variedades africanas do português foram igualmente identificadas ocorrências de *ter* existencial, ou seja, do uso do verbo *ter* numa construção marcada pela ausência de um DP sujeito explícito, ou impessoal, e que pode ser interpretada como existencial. Os exemplos (10) e (11), a seguir apresentados, foram extraídos de dados colectados no âmbito de projetos de teses de doutoramento, tendo por foco variedades faladas do Português de Angola (Mendes, 1985; Inverno, 2009 e Adriano, 2014) e do Português de Moçambique (Gonçalves, 1990).

(10) **Português de Angola**

a. "*Tinha* pouca gente que reparava nela"

b. "Mas agora *tem* escola de noite"

(Mendes, 1985: 142)

c. "aqui *tem* homem que cozinha"

d. "cá *tem* falta d'água"

(Inverno, 2009: 293-4)

e. "eu quero apelar a todos militantes / de Cabinda ao Cunene / ali aonde *tem* um comunista / deve apoiar e votar no Partido //" [TPA1, Campanhas Eleitorais, 24.08.2013]

f. "*tinha* momentos em que eu perdia a esperança //" [TPA1, Publicidade, 21.08.2012]

(Adriano, 2014: 534)

(11) **Português de Moçambique**

a. "Na minha casa, nunca *teve* dificuldade"

b. "em cada escola *tinha* capacidade para albergar seiscentos alunos"

c. "na minha província não *tem* décima nem décima primeira!"

(Gonçalves, 1990)

No entanto, nestas variedades, este tipo de construção não foi ainda objeto de análise sistemática. Constitui um caso singular e pioneiro o trabalho elaborado por Jon-And,

Avelar e Lopez (2017), realizado a partir de uma amostra de português falado em Cabinda (constituída por dados produzidos por 40 falantes de português como L1 e L2, estudantes universitários, e com idades entre 18 e 30 anos). Os resultados deste estudo apontam para uma preferência pela variante *ter*, em 75% dos dados, valor que se aproxima do registado em variedades do PB, sem que haja diferenças significativas entre falantes L1 e L2. Os autores sublinham ainda que o uso de *ter* poderá resultar da confluência de dois fatores linguísticos: (i) a emergência de mudanças ligadas ao parâmetro *pro-drop* no português de Angola e (ii) a transferência de uma propriedade gramatical das línguas bantu para o português, relacionada com a identidade morfossintática dos verbos possessivos e existenciais nessas línguas.

Observa-se, assim, nesta revisão sumária, uma difusão de *ter* com valor existencial, que deixa de estar confinada às variedades do PB, mas que se estende aos dialetos insulares do PE e às variedades africanas do português. Esta configuração triangular reúne áreas geográficas situadas para além dos limites do PE continental, que têm em comum não só o seu afastamento espacial do continente europeu, como o facto de se terem constituído territórios de acolhimento da língua portuguesa. As regiões insulares rapidamente se transformaram em espaços multilingues, situação que já caracterizava o Brasil à chegada dos portugueses. Neste espaço, a situação de contacto linguístico intensificou-se com o contributo da língua portuguesa e de outras línguas europeias e, sobretudo de línguas africanas trazidas pelos escravos, que lá chegaram massivamente entre os séculos XVI e XVIII. O contacto linguístico, para além de outros fatores de natureza cultural, social e política, terá contribuído de forma decisiva para o desenvolvimento de formas de uso linguístico do português, distintas das que foram emergindo no espaço europeu e peninsular.

2.1 Sobre as origens do verbo ter com valor existencial

É consensual na literatura a observação de que os verbos *ter* e *haver* se apresentam interligados na história do português. Entre outros aspetos, os dois verbos cruzam-se ao longo do tempo, na expressão da posse e da existência no Português Arcaico. No entanto, a sua variação já se registava no próprio latim. O verbo *ter,* do latim *tenere,* que significava ‘manter, reter’e o verbo *haver,* cuja forma latina *habere* significava ‘ter, possuir’ foram sujeitos à mudança no português, antes do seu período de expansão territorial. Numa primeira fase, a mudança consiste no facto de *ter* passar a ser investido de

valor de 'posse' e *haver* ter adquirido o valor de 'existência', inicialmente veiculado pelo verbo *ser*, "sendo *haver* o verbo existencial selecionado, nunca *ser*", nos documentos quinhentistas observados por Mattos e Silva (2002a, 2002b). Numa fase posterior, *ter* passa a ser também usado em construções impessoais com valor existencial. Desta competição, resultará a fixação de *haver* como verbo existencial padrão no PE. Relativamente à variante com *ter* existencial e à descrição dos fatores que teriam contribuindo para o seu uso no PB, existem duas hipóteses, ambas ancoradas em duas perspetivas distintas sobre a origem e formação do PB, sintetizadas por Brandão (2015: 42) da seguinte forma:

> "(…) há, basicamente, duas linhas interpretativas: (a) a que vincula as características dessa variedade ao massivo contato multilinguístico e multiétnico que se instaurou no Brasil durante a fase de colonização – postulando-se, em sua versão mais forte, um processo de crioulização/descrioulização (Guy 1981, 1989; Holm, 2004), e, em sua versão mais leve, um processo de transmissão linguística irregular (Lucchesi 2003, 2012) – e (b) a que atribui tais características à deriva da língua, em particular das línguas românicas (Naro e Scherre, 2003)".

Quanto às hipóteses sobre a origem de *ter* existencial no PB, elas podem ser formuladas como se segue:

(i) na primeira, ou a hipótese "conservadora", a variante *ter* existencial teria origem no Português Medieval (Carvalho, 2014), integra-se na teoria da deriva, ou *linguistic drift*[4]*;*

(ii) na segunda, ou a hipótese **"**inovadora", o verbo *ter* existencial teria emergido no século XIX na variedade falada do PB, tendo resultado do contacto do português com as línguas africanas.

Esta última hipótese, a de um *ter* inovador, inscreve-se na perspetiva que dá proeminência ao factor contacto linguístico na formação da variedade brasileira. Segundo esta proposta**,** teria havido um processo de crioulização no Brasil colonial, processo que decorreria do contacto entre o português e as línguas africanas, e responsável pelo surgi-

[4] Noção que se deve a Edward Sapir (1921), significando que mudança se encontra prefigurada num presente.

mento das características distintivas do PB[5]. Apresenta-se a seguir, de modo mais detalhado, alguns aspetos que sustentam ambas as hipóteses.

- ***Ter existencial*: uma variante conservadora, em uso no Português Medieval**

Segundo este ponto de vista, a coexistência das duas variantes *ter* e *haver* com valor existencial teriam já coexistido, mas por um período apenas, no Português Arcaico, tendo o verbo *haver* passado a ser o verbo canónico em construções impessoais com valor existencial no PE padrão, situação que não ocorreu no PB falado, onde o uso da variante *ter* passou a suplantar progressivamente o do verbo *haver*, ao ponto de ser considerado a construção padrão nesta variedade.

Para Carvalho (2014), é possível identificar a presença de *ter* numa estrutura existencial em textos do português medieval, numa época anterior à descoberta do Brasil, já no século XV, como em "t**emdo** ja dias auia mandado com recado (...)" (Crónica de D. João I, de Fernão Lopes, Século XV (1443), Apud: Harre: 131, Carvalho, 2014: 370)

Segundo a autora, o verbo *teer* começa a substituir *aver* em orações existenciais (com advérbio locativo explícito), já na década de 60 do século XV, pois:

> "A primeira abonação permite recuar a datação desta estrutura para o século XV, antecipando, assim, em cerca de um século a que foi apresentada por Ilza Ribeiro, extraída de *Os Lusíadas* (Ribeiro, 1993: 373) ou, ainda, as de Rosa Virgínia Mattos e Silva, extraídas da *Década Segunda* de João Barros (Silva, 2002: 138) e das *Cartas* de D. João III (Idem, *ibidem*: 156). Assim, deverá procurar-se o lugar do "encaixamento laboviano" (expressão usada por esta Autora na página 158 da última obra citada) no cenário histórico do português já no terceiro quartel do século XV (antes, portanto, do transplante do Português para o continente americano) e não apenas em meados do século seguinte, como a mesma sugere."
>
> Carvalho (2014: 370, nota 21).

Carvalho aponta ainda para a origem popular do *ter* existencial, já anteriormente evocada por Sampaio, que afirmava tratar-se de "mais de um fenómeno da língua falada que da escrita" (Sampaio, 2000: 21)[6].

---

[5] Para além dos autores citados por Brandão (2015), ver sobre influência das línguas africanas no PB, entre outros, Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), Petter (2009) e Avelar e Galves (2014).

[6] São muitos os exemplos dados por Sampaio, retirados de textos portugueses datados do século XVI, a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, obra escrita no século XVI, embora publicada

- ***Ter existencial*: uma construção inovadora, com origem no século XIX no português falado brasileiro**

Para Callou e Avelar (2007b, 15), "os fatos de que dispomos ao longo de oito séculos de evolução do português indiciam que é apenas a partir do século XIX que se pode considerar *ter* um verbo existencial". Para estes autores, a origem desta inovação situa-se nos **contextos opacos** ou sequências ambíguas (Mattos e Silva, 2002b), ou seja, aqueles em que o verbo *ter* pode receber uma interpretação existencial sem que a interpretação possessiva seja excluída, como ocorre em documentos produzidos já no Brasil, no século XVII, apresentados por Eleutério (2003), como em (12):

(12) "e asim ia que não pode tratarse do pasado deuia a Sancta Caza da Mizericordia [...] ver [as desconueniencias que **tinha**.]" – [4, 154, 206] – 1691

Avelar e Callou (2007a: 385)[7]

De acordo com a proposta de Avelar (2006a, 2006b) e Avelar e Callou (2007a), uma construção deste tipo seria interpretada como possessiva por um falante do PE, com sujeito referencial nulo. Nesse sentido, o sujeito seria "a Sancta Caza da Mizericordia". No entanto, para um falante do PB, a interpretação preferencial e talvez a única seria de tipo existencial, marcada pela não realização de um sujeito referencial. O mesmo fenómeno ocorreria em português contemporâneo, como em (13):

(13) e depois fomos para UMA TASCA, meu, que era espectacular. então é AQUELA TASCA que eu já te contei, que era: tipo u[...], uma garagenzinha, estás a ver, e **tinha uns bancos de madeira**, tipo, umas tábuas de madeira em cima de tijolos[8] (Década de 90 / Faixa Etária 1 – Culto)

Avelar e Callou (2007a: 385)

A construção "tinha uns bancos de madeira", em (13), é interpretada como uma construção possessiva com sujeito referencial nulo por falantes do PE e como uma construção existencial por falantes do PB. Ainda no âmbito desta hipótese, a interpretação bra-

---

apenas em 1614, e de *No Itinerário da Terra Santa* de Fr. Pantaleão Aveiro, publicado pela primeira vez em 1593, sem, no entanto, fornecer dados atestados anteriores à descoberta do Brasil.

[7] Realce dos autores.

[8] Realces dos autores.

sileira de (13) como sendo impessoal e existencial explica-se em correlação com uma outra mudança no sistema do PB: a redução do paradigma flexional do verbo e a perda da categoria pro-referencial. Esta mudança teria levado a uma perda da possibilidade de identificação do sujeito nulo. Deste modo, a impossibilidade de uma interpretação possessiva do sujeito nulo em frases com *ter* pessoal teria desencadeado, como referido, uma reanálise das construções possessivas em construções existenciais. A reanálise poderá ter sido também impulsionada pelo aparecimento de expressões locativas na posição gramatical de sujeito. Por outro lado, Avelar e Callou (2007a) consideram que estas alterações teriam resultado da influência das línguas Bantu em contacto com o português falado por falantes brasileiros, não sendo por este motivo constideradas resíduos de mudanças supostamente iniciadas no PE, no seu período Arcaico.

Os resultados de Marins (2013) corroboram esta hipótese, ao mostrarem que à medida que os sujeitos pronominais de referência definida aparecem cada vez mais expressos, sobem também as percentagens de uso de *ter* em construções existenciais (Gráfico 1).

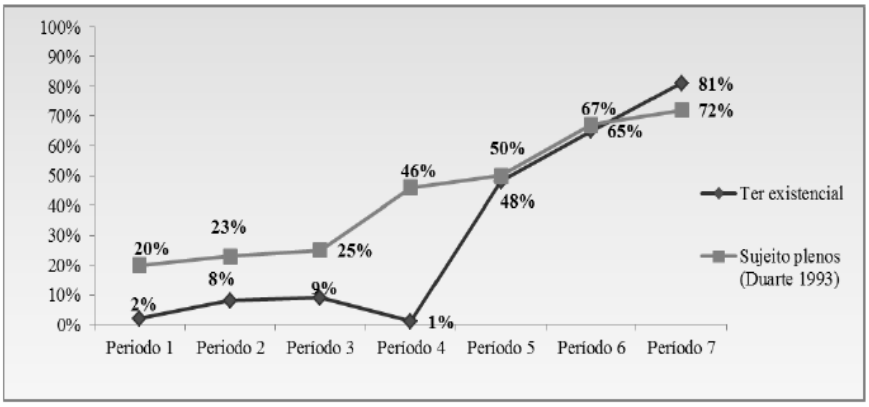

Gráfico 1. Distribuição dos usos de *ter* e de sujeitos de referência definida plenos ao longo do tempo em PB1 (1840 - 1860), 2 (1870 - 1889), 3 (1899- 1920) 4 (1933 - 1945), 5 (1953 - 1967) 6 (1975 - 1984), 7 (1990 – 20 XX). Fonte: Marins (2013: 62)

Segundo Avelar (2006a), a baixa frequência do uso de *haver* e as restrições ao seu uso a alguns contextos existenciais, resultam do facto de esse verbo ter deixado de fazer parte dos itens funcionais, comportando-se como verbos tais como *existir*, a*contecer* e *ocorrer*, com maior especificidade semântica, o que limita o seu campo de atuação. Esta situação não ocorre com *ter*, um verbo semanticamente neutro e de uso estruturalmente menos condicionado, não sendo, assim, mais possível, falar em variação *ter* e *haver* no PB, enquanto competição entre duas formas funcionais:

> "[...] existem, de um lado, construções existenciais canônicas, construídas com o

> verbo *ter*, de outro lado, aparecem construções existenciais mais gerais, de uso normalmente apresentacional, com verbos como *haver*, *aparecer*, *acontecer*, *surgir*, etc. (...) No âmbito da gramática naturalmente internalizada, portanto, não existe variação entre dois verbos existenciais no português brasileiro, mas entre um padrão canônico de gerar uma sentença existencial, para qual se recorre a um verbo funcional, e outros padrões diferenciados, com valores semântico-pragmáticos diversos que se valem de verbos não funcionais." (Avelar 2006b: 116).

Avelar defende, então, que no PB, há apenas um verbo *ter* que pode assumir valores semânticos diversos, de entre os quais, posse e existência, que dependem das condições sintáticas em que se insere e da composicionalidade.

3. Ter existencial na variedade PEI-Funchal

A investigação realizada sobre a variação entre *ter* e *haver* na variedade PEI-Funchal foi conduzida segundo os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov, Herzog, 1968) e da Sociolinguística Variacionista (Labov 1972, 1994, 2001, 2003). O modelo teórico-metodológico variacionista de recolha e tratamento dos dados linguísticos permite, em nosso entender, aprofundar o conhecimento da influência dos fatores sociais em articulação com os mecanismos de natureza linguística, no desempenho linguístico dos falantes de uma determinada comunidade de fala. Uma questão central neste modelo é o conceito de **regra variável** e os factores de natureza social e estrutural (linguística) que a condicionam. Labov (2003: 243) propõe uma categorização em três tipos de regras – Categórica, Semicategórica e Variável - baseadas nas frequências com que operam (Tabela 1).

Tabela 1. Tipos de regras linguísticas. Fonte: Labov (2003: 243), *apud* Vieira e Brandão (2014: 85)[9]

Tipo de regra	Frequência	Violações
I - Categórica	100%	Nenhuma, na fala natural
II - Semicategórica	95-99%	Rara e relatável
III - Variável	5-95%	Nenhuma por definição e não relatável

[9] Para uma reflexão sobre o conceito de regra variável e análise da sua aplicação ao fenómeno variável da concordância em português, consultar o trabalho das autoras.

De acordo a tipologia apresentada na Tabela 1, uma regra é considerada **variável**-quando a sua aplicabilidade se situa, em termos quantitativos, entre 5 e 95%.

3.1 Metodologia

O estudo quantitativo da variação *ter* / *haver* com valor de existência numa amostra de PEI-Funchal foi realizado com o recurso ao programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005; Tagliamonte, 2006)[10], e segue o protocolo utilizado em trabalhos que se situam nesta área. As características da amostra bem como a descrição das variáveis selecionadas são objeto de uma apresentação mais detalhada~~,~~ a seguir.

- **Amostra**

A amostra é constituída por entrevistas de fala espontânea ou semidirigida, com cerca de 30 minutos, a 12 informantes madeirenses, residentes na cidade do Funchal, estratificados em função da *faixa etária* (2 por cada uma das três seguintes:18-25 anos, 36-55 anos, 56-75 anos), *sexo* (3 homens e 3 mulheres) e *nível de escolaridade* (6 por cada uma das seguintes variáveis: analfabetos ou escolaridade básica – ou nível 1- e licenciados – nível 3), a partir do material reunido no *Corpus Concordância* (dados colectados entre 2010-2014) (Tabela 2.)

Tabela 2. Estrutura da Amostra do PEI-Funchal

	Nível 1 de escolaridade		**Nível 3 de escolaridade**		**Total**
	Homem	**Mulher**	**Homem**	**Mulher**	
18-25	1	1	1	1	**4**
36-55	**1**	1	1	1	**4**
56 - 75	**1**	1	1	1	**4**
Total	**3**	**3**	**3**	**3**	**12**

Foram encontradas nesta amostra um total de 405 ocorrências de *ter* e *haver*, codificadas em função das variáveis sociais e linguísticas selecionadas para a análise quantitativa.

[10] Para uma apresentação e discussão da ferramenta usada para análises quantitativas em investigação de tipo variacionista, ver Scherre, 2012).

- **Variáveis**

A escolha das variáveis foi realizada em função dos resultados obtidos em estudos de referência no âmbito do PB.

Para além dos fatores extralinguísticos ou sociais (*faixa etária, nível de escolaridade* e *género*, cf. Tabela 3) foram consideradas na codificação dos dados as seguintes variáveis linguísticas: tempo verbal (presente do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo) e traço semântico do N (animado e não-animado) que se encontra posposto ao verbo existencial, ou à sua direita. Os 405 dados, uma vez codificados, foram submetidos ao programa estatístico GOLDVARB X, que fornece índices percentuais e pesos relativos dos grupos de fatores que condicionam a aplicação de regras variáveis. (Labov, 2003; Tagliamonte, 2006).

A escolha destas variáveis fundamenta-se parcialmente em resultados obtidos de estudos realizados tendo por foco o PB. Estes trabalhos apontam para os usos de *ter* mais generalizados, o que demonstra**,** pelo menos**,** a sua maior funcionalidade. Já o verbo haver terá deixado de ser um item funcional, por apresentar uma maior "tendência à especialização em certos contextos específicos" (Avelar, 2006a: 62). A literatura assinala os seguintes factores condicionantes:

i) **o tempo verbal**: *o pretérito perfeito* é o tempo que apresenta os maiores índices de *haver*, levando a pensar que o verbo em questão está associado a textos narrativos (Avelar, 2006a; Baptista, 2012, que regista 65% de usos de *haver* no pretérito perfeito, numa amostra do Rio de Janeiro);

ii) **a especificidade semântica do argumento interno**: argumentos [- material], de caráter [+ abstrato] e [+ evento] são os que mais favorecem o uso de *haver* (74% de ocorrências de *haver* em construções em que o SN argumento interno tem o traço [- material], com *ter* a apresentar a percentagem inversa, i.e., 62%, com um argumento interno [- material], nos trabalhos de Callou e Avelar, 2007a[11]);

iii) **a idade do falante**: falantes mais velhos tendem a preservar o verbo *haver*, enquanto os jovens quase não o utilizam (cerca de 2%, em Callou e Avelar, 2000);

[11] Ver também Callou e Avelar (2000: 92) em dados provenientes de 42 inquéritos a falantes cultos do Rio de Janeiro, nas décadas de 70 e 90 (Projeto NURC)

iv) **o grau de escolaridade**: os falantes com mais estudos têm maiores probabilidades de usar o verbo *haver*.

A variante existencial com *haver*, embora presente nas variedades do PB, está, como anteriormente descrito, sujeita a fortes restrições, realizando-se ainda preferencialmente na modalidade escrita.

No que se refere ao factor **tempo verbal**, não foram observados, contrariamente ao que sucede com o verbo *haver*, dados com *ter* no *pretérito perfeito*, pelo que se optou por contrastar apenas dois tempos verbais - o Presente e Pretérito Imperfeito do Indicativo. A este propósito, Marins (2013: 52), ao analisar o trabalho de Callou e Avelar (2000), sublinha a "completa ausência de *haver* no pretérito perfeito na fala dos mais jovens. Nesse contexto, foram encontradas apenas ocorrências de *ter* e *acontecer*", o que constitui um argumento a "favor da mudança no estatuto de *haver*, uma vez que *há/havia* e *houve* apresentam significados diferentes (ao menos, entre os cariocas mais jovens)". Esta situação leva-nos a constatar uma primeira diferença nas propriedades de *ter* e *haver* existenciais, em uso no PEI-Funchal, relativamente aos seus homónimos, em uso nas variedades do PB, questão que será retomada na secção 3.3.

Quanto à natureza semântica do argumento interno, optámos por selecionar, neste trabalho preliminar, categorias semânticas mais gerais, tal como o traço [animado], com as suas duas variáveis [+animado] e [-animado].

3.2 Análise: Resultados e discussão

Os resultados globais (Gráfico 1), após o tratamento estatístico processado pelo Goldvarb X, mostram, em termos de percentagens, que os falantes preferem o verbo *haver* (69%) numa construção existencial. Constata-se também que esta construção com o verbo *ter* corresponde a 31% das ocorrências. Assiste-se, assim, a uma maior produtividade da variante-padrão no PE, com o verbo *haver*, e, de acordo com a tipologia de regras linguísticas apresentada anteriormente (Tabela 1), podemos considerar estarmos perante uma **regra variável**.

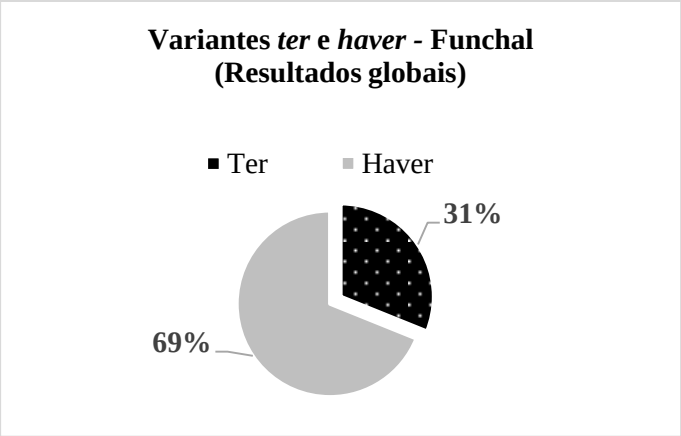

Gráfico 1. Construções existenciais com *ter* e *haver* numa amostra de 12 informantes na variedade PEI-Funchal

A análise dos dados aponta ainda para o facto de o uso variável de *ter* e *haver* ser motivado tanto por restrições estruturais ou linguísticas como sociais (Tabela 3.).

Tabela 3. Resultados globais. Fatores externos e internos relevantes (pesos relativos) em construções existenciais com *ter* e *haver* numa amostra de 12 informantes na variedade PEI-Funchal

Fatores		**Percentagens**		**Ocorrências**	
		Ter	*Haver*	*Ter*	*Haver*
Externos	**Sexo**				
	• Homem	31,4	68,6	61/194	133/194
	• Mulher	30,8	69,2	65/211	146/2151
	Idade				
	• (18-35)	**38,4**	61,6	28/73	45/73
	• (36-55)	35,6	64,4	36/101	65/101
	• (56-75)	26,8	73,2	62/231	169/231
	Escolaridade				
	• Nível 1	**44**	56	106/241	135/241
	• Nível 3	12.2	87.8	20/164	144/164
Internos	**Tempo verbal**				
	• Presente	**41,4**	58,6	99/239	140/239
	• Imperfeito	16,3	83,7	27/166	139/166
	Traço Semântico [animado] de N pós-verbal				
	• [+animado]	**49,4**	50,6	40/81	41/81
	• [-animado]	26,5	**73,5**	86/324	238/324

Relativamente aos condicionamentos de tipo social, observa-se que tanto a *faixa etária* como o *nível de escolaridade* condicionam a aplicação da regra variável; são os informantes mais jovens (18-35 anos), com 38,4%, e menos escolarizados (44%) os que mais utilizam a variante não-padrão *ter*.

Por outro lado, em 41,4 % das ocorrências de *ter* o verbo encontra-se no presente indicativo. Este verbo apresenta-se em apenas 16,3% dos dados do pretérito imperfeito, em contraste com o verbo *haver*, que neste tempo verbal ocorre em 83,7% dos casos. Relativamente ao traço semântico do Nome pós-verbal, os resultados apontam para a relevância desta variável, sobretudo no que se refere ao traço semântico [-animado], com 73,5% dos dados a coocorrerem com o uso do verbo *haver*.

Por fim, é de salientar, em conformidade com os resultados percentuais, que todas as variáveis foram selecionadas pelo programa Goldvarb como sendo estatisticamente significativas, ou seja, que condicionam de modo relevante a regra variável do uso do verbo existencial *ter*. O programa calculou o peso relativo, designação que corresponde ao cálculo do desvio da média ponderada, de cada um dos factores na aplicação da regra variável, cujos valores são apresentados na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4. Variáveis significativas selecionadas pelo Goldavarb e os respetivos pesos relativos

Fatores		**Pesos Relativos**
Externos	**Idade**	
	• Faixa A (18-35)	**0.594**
	• Faixa B (36-55)	**0.582**
	• Faixa C (56-75)	0.434
	Escolaridade	
	• Nível 1	**0.664**
	• Nível 3	0.269
Internos	**Tempo verbal**	
	• Presente	**0.616**
	• Imperfeito	0.336
	Traço semântico [animado] de N pós-verbal	
	• [+animado]	0.467
	• [-animado]	**0.630**

Nesta tabela, encontram-se em destaque os valores mais significativos (acima de 0, 500) dos pesos relativos. Deste conjunto, a maior probabilidade de ocorrência deste fenómeno situa-se ao nível dos falantes com poucos estudos (*nível 1 de escolaridade* - 0.664) e ainda perante varáveis linguísticas, como o *traço [-animado] de N pós-verbal* (0.630) e o tempo verbal dos verbos *ter* e *haver* ser o *presente do indicativo* (0.616).

- **Variáveis extralinguísticas ou sociais**

Tal como observado em estudos no âmbito do PB, os fatores sociais – *nível de escolaridade* e *faixa etária* dos informantes – apresentam, na amostra do PEI-Funchal, valores percentuais que evidenciam a sua importância (Tabelas 3 e 4), em destaque nos Gráficos 3 e 4 a seguir:

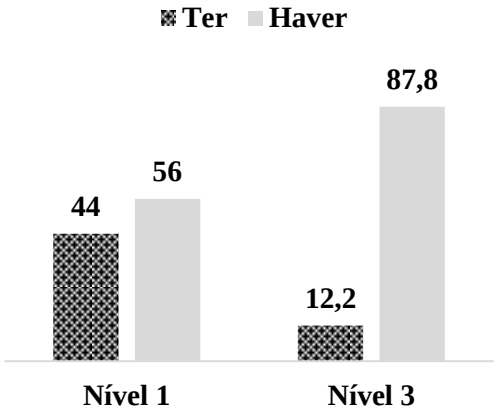

Gráfico 3. Construções existenciais com *ter* e *haver* numa amostra de 12 informantes na variedade PEI-Funchal (fator *nível de escolaridade*)

.

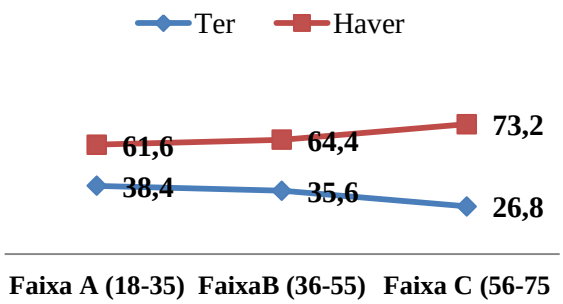

Gráfico 4. Construções existenciais com ter e haver numa amostra de 12 informantes na variedade PEI-Funchal (fator *faixa etária)*

Quando se procura analisar o comportamento dos falantes do Funchal menos escolarizados, constata-se que são os jovens e do sexo masculino aqueles que mais produzem estruturas com *ter* existencial, com valores percentuais que atingem os 65% (Gráfico 5) e 57% (Gráfico 6), respetivamente.

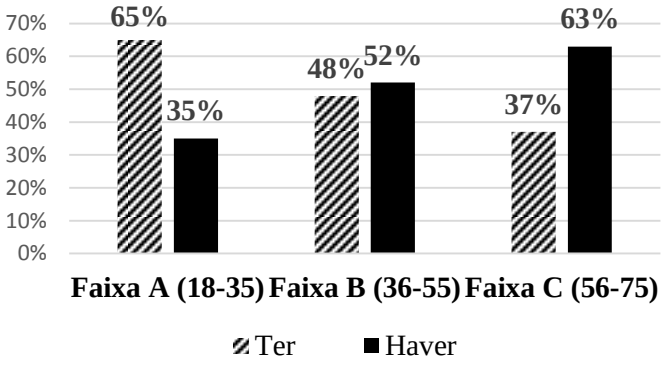

Gráfico 5. Construções existenciais com *ter* e *haver* numa amostra de PEI-Funchal. Informantes com **nível 1 de escolaridade** e fator *faixa etária*.

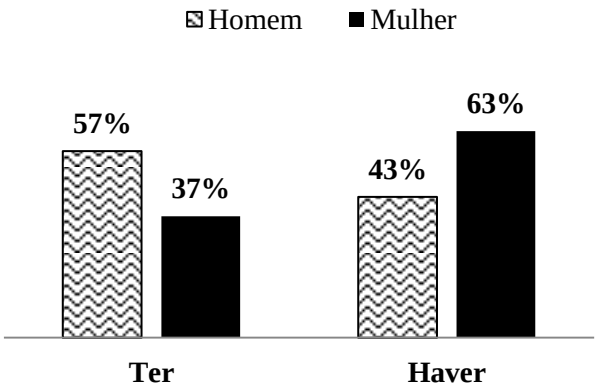

Gráfico 6. Construções existenciais com com *ter* e *haver* numa amostra de PEI-Funchal. Informantes com **nível 1 de escolaridade** e fator *sexo*.

Apesar de não terem sido utilizados rigorosamente os mesmos critérios de análise testados no PB, foi possível estabelecer algumas comparações com os resultados encontrados para esta variedade, nomeadamente, no que se refere aos contrastes sociais entre falantes cultos (com *nível 3 de escolaridade*, ou falantes que integram a base de dados *NURC* do PB) e analfabetos ou pouco escolarizados (*nível 1 de escolaridade* ou, no caso do PB, os que fazem parte do corpus do *PEUL*).

Observa-se, assim, que a variedade popular do PE-Funchal, à qual estão associados os falantes menos escolarizados ou analfabetos, se aproxima da variedade do PB po-

pular, quando se tem em conta o factor *faixa etária* dos informantes. Ambas as variedades exibem a mesma tendência (Gráfico 7), embora com valores distintos: os jovens são aqueles que maioritariamente produzem *ter* existencial, sendo este fenómeno mais expressivo no PB (98% no estudo realizado por Avelar e Callou (2007a)).

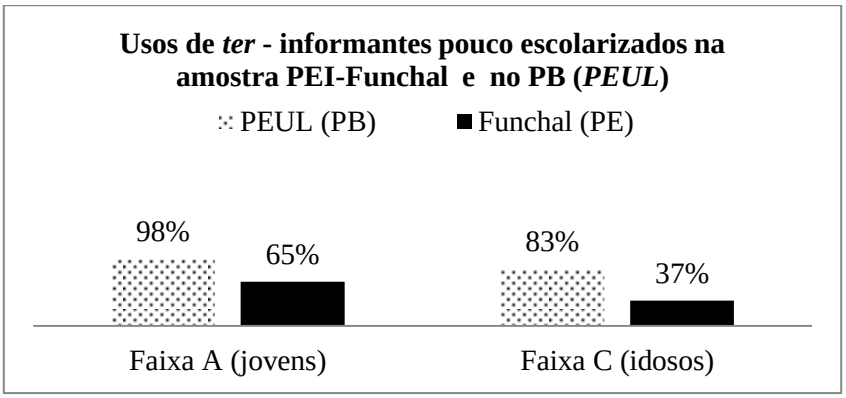

Gráfico 7. Usos de *ter*: comparação de informantes com *nível 1 de escolaridade* (*PEUL* – PB; 6 informantes PEI-Funchal). Fonte: PB (fala): Avelar e Callou (2007a)

No que se refere aos informantes mais cultos, a comparação aponta para um contraste muito marcado entre ambas as variedades. Enquanto no Brasil, o uso de *ter* com valor existencial atinge sempre valores acima dos 75% na fala das elites de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador da Baía (Batista, 2012), na variedade do Funchal os informantes licenciados optam pela variante-padrão, com o verbo *haver*, de forma semicategórica, registando-se apenas 12,2% de ocorrências de *ter*.

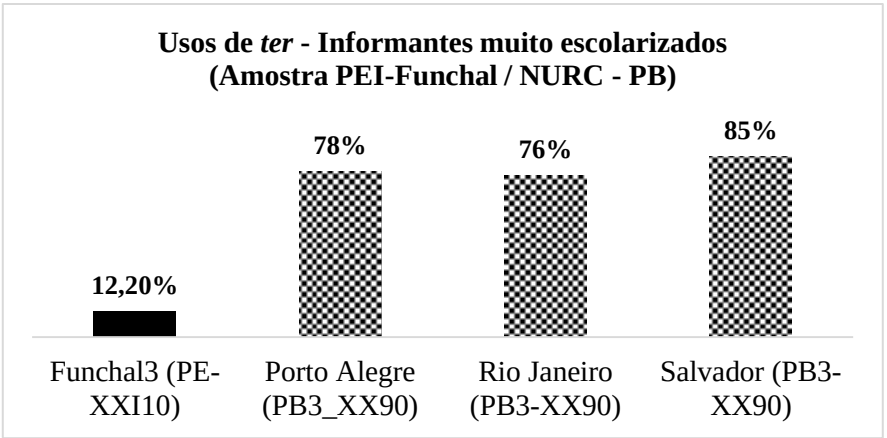

Gráfico 8. Usos de *ter*: comparação de informantes com *nível 3 de escolaridade* (*NURC* – PB; 6 informantes PEI-Funchal). Fonte: PB (fala): Baptista (2012)

Por fim, e ainda no que se refere a falantes cultos, é possível comparar os usos dos dois verbos no presente e no pretérito imperfeito do indicativo (Gráfico 9). Observa-se a mesma tendência – uso relativamente mais significativo de *ter* no presente do indicativo – mas com maior expressão nas amostras do PB (*NURC*, utilizada em Batista, 2012, na amostra organizada pela autora em Vitório, 2013).

A variação *ter*/*haver* existencial mostra-se assim, condicionada socialmente. A importância do *nível de escolaridade* dos falantes madeirenses na produção de outros fenómenos sintáticos em variação na variedade do português falado no Funchal já foi observada noutros estudos (Vianna, 2011; Bazenga, 2013, 2015). Esta questão pode ser explicada fazendo apelo à história da sociedade insular, nos mesmos moldes em que é referida a necessidade por Araújo (2015) de ter em conta a sócio-história brasileira para melhor compreender fenómenos variáveis nas variedades do PB. A história social do Brasil é "marcada pela colonização portuguesa exploratória (que resultou numa divisão de classes bem nítida) (…)", de acordo com Araújo (2015: 145), que acrescenta:

> "Dentre os aspectos sócio-históricos que foram decisivos para a formação bipolarizada da realidade linguística brasileira está a forte presença de africanos, nativos de línguas diversas que adquiriram o Português como segunda língua, numa situação de transmissão linguística irregular"

Também a história da sociedade madeirense, desde o início do seu povoamento, pouco depois da sua descoberta, em 1419, quase um século antes da chegada do português ao Brasil (1500) é caracterizada pela mobilidade humana na ilha e por uma bipolarização social, com uma comunidade popular, representada pelo "vilão"[12] por um lado, e as elites formadas por "homens bons", por outro. Os historiadores têm destacado a natureza experimental da colonização da ilha Madeira (Rau e Macedo, 1962, por exemplo): é neste espaço insular que se constroi o

[12] Por apresentar características linguísticas distintivas, quando comparada com as elites madeirenses, que continuam a linhagem dos parcos "homens bons" do século XV (Gonçalves, 1958), mais escolarizadas e que procuram fazer uso da variedade padrão do PE, a língua falada pelas classes populares ou linguagem popular é também designada como "falar à vilão". Estavariedade popular do português madeirense tem suscitado grande interesse por parte de estudiosos madeirenses, essencialmente no domíno lexical, e que se tem dedicado à recolha e descrição do léxico regional ou dos regionalismos madeirenses.

> "primeiro teste de adaptação do homem a um espaço-ilha do Atlântico, despovoada, através da criação de um sistema político, jurídico e social com base nas capitanias, envolvendo delegações amplas de poder para os senhores da ilha - os donatários - e um modo de produção baseado na escravatura". (Bazenga, 2015: 96).

O contexto de contacto linguístico e cultural a que se assiste no espaço insular, ao longo do tempo e dos seus ciclos económicos, terá sido primordial para a construção das variedades faladas[13], distintas em vários aspetos das variedades peninsulares do PE. No final do século XV, ainda no século do povoamento do arquipélago da Madeira, ao lado das comunidades portuguesas e daquelas provenientes de outros espaços europeus (genoveses, flamengos, franceses), estimadas entre 15 mil a 18 000 habitantes,

> " a comunidade de escravos, oriundos das ilhas Canárias, do norte de África e do Golfo da Guiné, chegou a atingir 2000 pessoas. A sua presença perdurou até 1733, altura em que foi proibida a importação de escravos (Silva e Meneses, 1940, Albuquerque e Vieira, 1987; Ferraz, 1990; Rocha Pinto e Rodrigues, 1993; Vieira, 2001)." (Bazenga, 2016: 220)

- **Variáveis Linguísticas.**

Os dois factores linguísticos selecionados – tempo verbal (Presente do indicativo e Pretérito Imperfeito do Indicativo) e traço semântico [animado] do argumento em posição pós-verbal ([+animado] e [-animado] – foram ambos selecionados como sendo significativos no uso variável de *ter*/*haver* existencial.

Quando comparados os usos dos falantes mais escolarizados de variedades do PB (designadas por PB3, ou de informantes com nível 3 de escolaridade) com os da variedade PEI-Funchal em análise, constata-se um grande contraste (Gráfico 9), expresso por valores que se situam abaixo de 20% na variedade europeia (17%, no Presente do Indicativo, e 7%, no Pretérito Imperfeito); já o uso de *ter* no Presente do

[13] Ver Bazenga (2014, 2016), para a apresentação, em síntese, de algumas propriedades fonéticas, lexicais, e gramaticais do português falado no Arquipélago da Madeira.

Indicativo situa-se acima de 80% nas amostras do PB utilizadas por Baptista (2012) e de Vitório (2013).

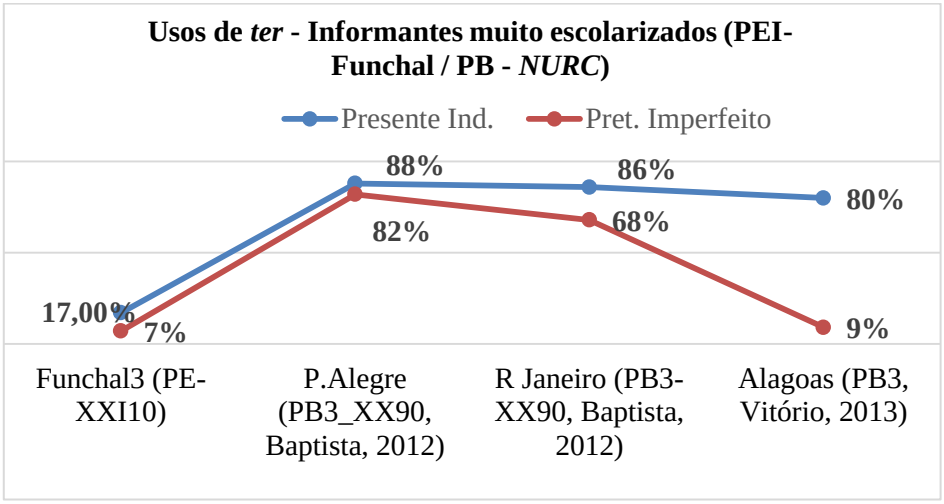

Gráfico 9. Usos de *ter*: comparação de informantes nível 3 de escolaridade (*NURC* – PB; 6 informantes PEI (Funchal) e variável "tempo verbal". Fonte: PB (fala): Baptista (2012))

Face ao conhecimento divulgado na literatura sobre as propriedades dos usos de tipo existencial dos dois verbos no PB e de que se fez referência na secção 2 deste artigo, e apesar de não ter sido possível comparar estes condicionamentos linguísticos nos dados dos informantes pouco escolarizados do Funchal com amostras do PB popular, é possível adiantar alguns comentários sobre esta questão.

A construção com ter no PEI-Funchal, contrariamente ao que se observa no PB, é objeto de fortes condicionamentos. O tempo verbal encontra-se preferencialmente no Presente do Indicativo e esporadicamente no Pretérito Imperfeito do Indicativo. Não foram atestados usos de *ter* com outros tempos verbais. Já o verbo *haver* está menos sujeito a esta variável, podendo ser usado no Pretérito Perfeito, situação inversa à que ocorre no PB.

No que se refere à influência do traço semântico de N pós-verbal, observa-se a seguinte distribuição: nomes com o traço [-animado] coocorrem preferencialmente com o verbo *haver* em 73,5% dos dados, o que corresponde, em certa medida à tendência a que se assiste no PB, com N [+abstrato] (Batista, 2012: 55); já quando estamos em presença de N[+animado], observa-se a possibilidade de este coocorrer tanto com o verbo *ter* como com o verbo *haver* (cf. Tabela 3).

4. Considerações finais

Nesta investigação, que incidiu sobre uma amostra de 12 entrevistas sociolinguísticas realizadas a falantes naturais da ilha da Madeira, entre 2010 e 2014, foi possível confirmar os usos de *ter* existencial e impessoal numa variedade do PE. As 405 ocorrências com os verbos *ter* e *haver* foram suficientes para proceder ao tratamento quantitativo, através do recurso ao programa Goldvarb X.

Os resultados contribuem para confirmar a singularidade do português falado no Funchal, sobretudo a sua variedade popular, rica em formas linguísticas não prestigiadas e objeto de estigma social face a outras variedades urbanas do PE, e para melhor a caracterizar juntamente com outras propriedades sintáticas já descritas (Vieira e Bazenga, 2013; Bazenga, 2014; Vianna, 2011; Rodrigues e Bazenga, 2017).

Em linha com Tagliamonte (2003: 729) sobre a vertente comparatista da sociolinguística e com Chambers (2004: 128) que observa que "as sociolinguistics becomes less restricted to local events, it becomes comparative, and, as the comparative aspect gains weight, cross-linguistic generalizations not only become possible but inevitable", foi possível estabelecer algumas comparações com os dados de *ter* existencial do PB, como contributo para uma reflexão sobre as questões abordadas inicialmente e que se prendem com a relação entre as variedades europeias, brasileiras e africanas do português e os factores linguísticos e socio-históricos que têm contribuído para a sua diferenciação.

Esta comparação apresenta alguns aspetos convergentes, sobretudo no que se refere à influência de variáveis sociais. Neste plano, o nível de escolaridade, por exemplo, condiciona significativamente os usos dos dois verbos, tanto no PEI-Funchal como nas variedades do PB. Em ambas, o uso de *ter* existencial é mais significativo junto de informantes pouco escolarizados, embora no PB o seu uso pelas elites seja muito expressivo, distinguindo-se neste aspeto das elites insulares que preferem recorrer à variante padrão (*haver*).

É no plano das propriedades estruturais ou linguísticas que se situam as maiores divergências. Os usos de *ter* no PEI-Funchal parecem estar mais condicionados do que no PB e o inverso ocorre com o verbo *haver*. Face a esta configuração, e atendendo aos argumentos e hipóteses que têm vindo a ser trabalhados por Avelar e Callou (2007a, 2007b, 2012), parece-nos possível questionar se (i) estamos em presença ou

não de um único "*ter* existencial", em uso no PB e nas variedades insulares do PE, ou se, pelo contrário, (ii) estaremos perante dois verbos existenciais que, apesar de alguns traços convergentes, tais como a impessoalidade e a presença de um constituinte locativo, apresentam já propriedades estruturais distintivas, relacionadas ou não com outras propriedades gramaticais dos sistemas em que se inserem.

Poderiamos, assim, no âmbito da hipótese de universais em variação linguística, nomeadamente os de natureza vernacular ou popular, referida por vários autores (Chambers, 2004; Szmrecsanyi e Kortmann, 2009; Trudgill, 2009, entre outros), e atendendo aos aspetos sociais e estruturais em comum, encarar a possibilidade de considerar a construção *ter* existencial como uma tendência vernacular do português pós-colonial (a par de outras), isomórfica e com especificações locais (possibilidade de *ter* existencial pessoal no PB, por exemplo), consoante as configurações histórias e sociais do contacto do português com outras línguas e culturas em espaços extra-europeus. Esta hipótese pressupõe ainda o postular da existência de usos populares e de usos padrão no sistema, que podem mudar ao longo do tempo, que por vezes se cruzam, com a ascensão de formas ao padrão, como já ocorreu na história do português (Martins, 2003). Na perspetiva da sociolinguística, poderíamos encarar a possibilidade de estarmos perante um processo de mudança designado por "levelling", definido como "the process by which, over time, a reduction in the number of variants of the same variable occurs" (Britain, 2010: 194), enquadrado no eixo da difusão geográfica de formas linguísticas que as migrações coloniais tornaram possível. Do contacto linguístico e mistura de formas resultantes, teria sido desencadeado um processo de redução de variantes e feito emergir, no fenómeno que nos ocupa, novas propriedades associadas à construção *ter existencial*, com características diferenciadas no PB e no PEI-Funchal. Poderiamos adiantar que este processo não estaria ainda concluído, encontrando-se em fases distintas, mais avançada, de acordo com as preferências dos falantes por *ter,* no caso do PB.

No entanto, a hipótese aqui avançada para discussão terá de ser apoiada por um conhecimento mais profundo de outras propriedades sintáticas em correlação com o t*er* existencial, tal como já estudado no PB, nomeadamente as que dizem respeito à ten-

dência ou não para a realização do argumento externo[14], sobretudo nas variedades populares, e, num plano mais alargado, a articulação com as construções com *estar* na expressão da existência.

Referências

Adriano, Paulino S. 2014. *Tratamento morfossintáctico de expressões e estruturas frásicas do português em Angola*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Portugal.

Araujo, Silvana S. de F. 2014. "Concordância verbal e formação da realidade sociolinguística brasileira". *Cuadernos de la Alfal* Nº 7: 144-184

ALEAç – Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores (J. Saramago, coord.) [http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_aleac.php]

ALLP – Atlas Linguístico do Litoral Português (G. Vitorino, coord.) [http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_allp.php]

ALEPG – Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (J. Saramago, coord.) [http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_alepg.php]

Avelar, Juanito. 2006a. "De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de HAVER no português brasileiro". *Letras de Hoje* 143: 49-74.

Avelar, Juanito. 2006b. "Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro". *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 14, n.º 2: 99-143

Avelar, Juanito e Dinah Callou. 2007a. "Gramática e Variação no Português Brasileiro: considerações sobre ter-haver e de-em". In *Textos Selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, orgs. Maria Lobo e Antónia Coutinho, 183-197. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Avelar, Juanito e Dinah Callou. 2007b. "Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais na história do português". In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. Ataliba Castillo *et. al.*, 375-402. Campinas: Pontes.

Avelar, Juanito e Dinah Callou. 2011. "Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca". In *Línguas Pluricêntricas.*

[14] A este propósito, vale a pena referir a necessidade de articular tal investigação também com aspetos dos estudos sobre a construção de duplo sujeito, um tipo de construção em *se*-Nominativo (*A gente* chama-*se* rãs a isto) observado nos dados do *CORDIAL-SIN* (Martins, 2009, 179) e também em uso nas variedades faladas do português na Madeira.

Variação Linguística e Dimensões Sociocognitvas, orgs/eds. Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres, e Miguel Goncalves, 251-263. Braga: Publ. Da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa/ ALETHEIA – Associação Científica e Cultural.

Avelar, Juanito e Dinah Callou. 2012. "Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial". *Madraga* 19. 30: 224-235.

Avelar, Juanito e Charlotte Galves. 2013. "Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato". In *Para a história do português brasileiro*, eds. Maria Denilda Moura e Marcelo A. Sibaldo,103-132. Maceió: Edufal.

Avelar, Juanito e Sonia Cyrino. 2008. "Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro". *Linguística, Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 3: 218-249.

Avelar, Juanito e Charlotte Galves. 2014. "O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro". *Lingüística 30* (2): 241-288. Acedido em 13 de outubro de 2017, de http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S2079-312X2014000200010&lng=es&tlng=pt.

BA – Segura, Maria Luísa. 1987. *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Batista, Priscila G. 2012. "Ter e Haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre: do social ao linguístico". Dissertação de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro.

Baxter, Alan N. e Dante Lucchesi. 1997. "A relevância dos processos de pidginização e crioliza ção na formação da língua portuguesa no Brasil". *Estudos Lingüísticos e Literários* 19: 65-84.

Baxter, Alan N. e Dante Lucchesi. 2006. "Processos de crioulização na história sociolingüística do Brasil". In *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*, orgs. SuzanaCardoso, Jacyra Mota, e Rosa Virgínia. Mattos e Silva, 165-218. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia.

Baxter, Alan N. 1998. "O português vernáculo do Brasil – Morfossintaxe". In *América negra: panorámica actual de los estudios linguísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*, eds. Matthias Perl e Armin Schwegler, 97-134. Frankfurt am Main: Vervuert.

Bazenga, Aline M. 2011. "Aspectos do português falado no Funchal e Variedades do Português". Comunicação apresentada no *III SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa)*. Universidade de Macau. Macau, China. Dis

ponívelem: https://www.researchgate.net/publication/273203640_Aspectos_do_portugues_falado_no_Funchal_e_Variedades_do_Portugues

Bazenga, Aline M. 2012. "Non-dominant Ter (to have) - Existential in Spoken EP of Funchal (Madeira Island)". Comunicação apresentada no *II International Conference of WGNV – Exploring Linguistic Standards in Non-dominating varieties*, Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha. Disponível em: https://www.academia.edu/1802252/_Nondominat_TER_Existential_to_have_in_Spoken_European_Portuguese_of_Funchal_Madeira_Island_

Bazenga, Aline M. 2014. "Corpus of Madeira Island, a Spoken Variety of European Portuguese", Comunicação apresentada no *CILC06 (6th International Conference on Corpus Linguistic)*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha. 22-24 de Maio de 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273203396_Corpus_of_Madeira_island_A_Spken_Variety_of_European_Portuguese_Linguistic_Universidad_de_Las_Palmas_de_Gran_Canaria_Spain_May_2014

Bazenga, Aline. 2015. "Concordância de terceira pessoa plural: a variedade insular do PE (Funchal)", In *A concordância verbal em variedades do Português: a interface Fonéti ca-Morfossintaxe*, org. Sílvia R. Vieira, 74-101. Rio de Janeiro: FAPERJ/Vermelho Marinho.

Bazenga, Aline. 2016. "Sociedades insulares e identidade: aspetos linguísticos da "madeiren sidade" no Atlântico lusófono". In *Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira. Volume ante zero*, org. José Eduardo Franco, 216-225. Lisboa: CLEPUL/INCM, Su plemento da Revista Letras com Vida nº 7.

Berlinck, Rosane de A. 1998. "A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia". Dissertação de Mestrado em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas.

Britain, David. 2010. "Supralocal Regional Dialect Levelling". In *Language and Identities*, eds. Carmen Llamas e Dominic Watt, 193-204. Edinbourg: Edinbourg University Press.

Callou, Dinah e Maria Eugênia L. Duarte. 2005. "A fixação do verbo ter em contextos existenciais". In *Textos Seleccionados - Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, eds. Inês Duarte e Isabel Leiria, 149-155. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Callou, Dinah e Juanito Avelar. 2000. "Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil". *Gragoatá* 9: 85-114.

Callou, Dinah e Juanito Avelar. 2002. "Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX". In *Para a história do português brasileiro, v. III –Novos estudos*, org. Tania Alkmim, 47-68. São Paulo/US: Humanitas.

Callou, Dinah e Juanito Avelar. 2012. "Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial". *Matraga* v.19, n.30: 224-235.

Carrilho, Ernestina e Catarina Magro. 2010. "A Anotação sintáctica do CORDIAL-SIN". In *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccio nados*, 225-241. Lisboa: Colibri.

Carrilho, Ernestina e Sandra Pereira. 2011. "Sobre a distribuição geográfica de construções sintácticas não- padrão em Português europeu". In *Textos selecionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, CD-ROM, eds. Armanda Costa, Pilar Barbosa e Isabel Falé,125-139. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Carrilho, Ernestina e Sandra Pereira. 2013. "On the areal dimension of non-standard syntax: Evidence from a Portuguese dialect corpus". In *Proceedings of Methods XIV (Papers from the Fourteenth International Conference on Methods on Dialectology 2011*), eds. Alena Barysevich, Alexandra D'Arcy, e David Heap, 69-79. Bamberger Beltrage zur englischen Sprachwissenschaft/Bamberg Studies in English Linguistics 57.

Carvalho, Maria José. 2014. "Aspetos sociocognitivos da variação e da mudança semântica: haver e ter em estruturas de posse". *Diacrítica* vol.28, n.1: 347-375.

Chambers, Jack K. 2004. "Dynamic Typology and Vernacular Universals", In *Dialectology Meets Typology. Dialect Grammar from a Cross-Linguistic Perspective*, ed. Bernd Kortmann, 127-145. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

Cintra, Luis F. L. 1990. "Os Dialectos da Ilha da Madeira no Quadro Geral dos Dialectos Galego-Portugueses". In *Cultura Madeirense: Temas e Problemas*, coord. José Eduardo Franco, 95-104. Porto: Campo das Letras.

Coelho, Izete L. 2000. *A ordem V NP em construções monoargumentais: uma restrição sintáticosemântica*. Tese de Doutoramento em Linguística. Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Coelho, Izete L. 2006. "Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB". In *Estudos sociolinguísticos: quatro vértices do GT da ANPOLL*, org. Jânia Martins Ramos, 84-99. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.

CORDIAL-SIN – The Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects (A. M. Martins, coord.) [http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin_corpus.php]

Duarte, M. Eugênia L. 2003. "O sujeito expletivo e as construções existenciais. In *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*, orgs. Claudia Roncarati e Jussara Abraçado, 123-131. São Paulo: 7 Letras.

Eleutério, Silvia. 2003. *A variação ter/haver: documentos notariais do século XVII.* Tese de Doutoramento. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Franchi, Carlos, Esmeralda Negrão, e Evani Viotti. 1998. "Sobre a gramática das senten ças impessoais com TER/HAVER". *Delta* 14: 105-144.

Gonçalves, Perpétua. 1990. *A construção de uma gramática de português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Gonçalves, Ernesto. 1958. "Os «Homens Bons» do Concelho do Funchal em 1471". *Das Artes e da História da Madeira* 5. 28, 1-8: 76-82.

Guy, Gregory. 1981. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history.* Tese de Doutoramento, University of Pennsylvania.

Guy, Gregory. 1989. "On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese". In *Ponencias Presentadas en el 45 Congreso Internaciona de Americanistas: Estudios sobre Español de América y Linguística Afroamericana*, 226-244. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.

Holm, John. 1987. "Creole influence on popular Brazilian Portuguese". In *Pidgin and creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*, ed. Glenn G. Gilbert, 406-429. Honolulu: University of Hawaii Press.

Holm, John. 1992. "Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole". In *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*, eds. Ernesto D'Andrade e Alain Kim, 37-66. Lisboa: Edições Colibri.

Holm, John. 2004. *Languages in Contact. The Partial Restructuring of Vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.

Inverno, Liliana. 2009. *Contact-induced restructuring of Portuguese morpho-syntax in interior Angola*. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Jon-And, Anna. 2013. *Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde*. Tese de Doutoramento. Stockholms Universitet, Estocolmo.

Jon-And, Anna, Juanito Avelar, e Laura Lopez. 2017. "Contact, variation and change in Na golan Portuguese: the case of existential constructions in Cabinda". *Bulletin of Hispa nic studies.* Abstract disponível em: http://www.diva-portal.se/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1096138&dswid=-4112

Kato, Mary A. 2000. "A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil". *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 2, n. 1: 97-127.

Labov, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: U. Of Pennsylvania Press.

Labov, William. 1994. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambrigde, MA: Blackwell.

Labov, William. 2001. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell

Labov, William. 2010. *Principles of Linguistic change. Volume III: Cognitive and Cultural Factors*. Oxford: Wiley Blackwell.

Leite, Yonne, Dinah Callou e João Moraes. 2003. "Processos de Mudança no Português do Brasil: Variáveis Sociais". In *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Home nagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. 1, eds. Ivo Castro e Inês Duarte, 87-114. Lisboa: INCM. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/62341-1pdf.

Lucchesi, Dante, Alan Baxter e Ilza Ribeiro. (Orgs.). 2009. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA.

Lucchesi, Dante 2003. "O conceito de 'transmissão lingüística irregular' e o processo de formação do português do Brasil. In *Português brasileiro: contacto lingüístico, hete-rogeneidade e história*, orgs. Cláudia Roncarati e Jussara Abraçado, 272-284. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Lucchesi, Dante. 2012. "A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica". In *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*, orgs. Tânia Lobo, *et al*., 249-274. Salvador: EDUFBA.

Marins, Juliana E. 2013. *As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE*. Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Martins, Ana Maria. 2003. "Variação e Mudança no Português". In *A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais – 2002*, 29-44. Cascais: Câ-mara Municipal de Cascais & Instituto de Estudos Sociais.

Martins, Ana Maria. 2009. "Subject doubling in European Portuguese dialects: The role of impersonal se". In *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*, ed. Enoch O. Aboh, Elisabeth van der Linden, Joseph Quer e Petra Sleeman, 179-200. Amsterdam

& Philadelphia: John Benjamins.

Martins, Ana Maria. 2016. "O Português numa perspetiva diacrónica e comparativa". In *Manual de linguística portuguesa*, eds. Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho, 1–40. Berlim, New York: De Gruyter.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 1989. *Estruturas trecentistas – elementos para uma gramática do português arcaico.* Lisboa: INCM.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 1996. "A variação *haver/ter*". In *A carta de Caminha – testemunho lingüístico de 1500,* org. Rosa Virgínia Mattos e Silva. Salvador: EDUFBA.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 1997. "Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista". *Estudos lingüísticos e literários* 19: 253-285.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2002a. "Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teorias em João de Barros". In *O Português Quinhentista – Estudos Lingüísticos,* eds. Rosa Virginia Mattos e Silva e A. Venâncio Filho, 121-142. Salvador: EDUFBA/UEFS.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2002b. "A variação "ser"/"estar" e "haver"/"ter" nas Cartas de D.João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros". In *O Português Quinhentista: Estudos Linguísticos*, eds. Rosa Virginia Mattos e Silva e A. Venâncio Filho, 17-28. Salvador: EDUFBA/UEFS.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2002c. Para a história do português culto e popular brasileiro. In *Para a história do português brasileiro*, volume III, ed. Tânia Alkmim, 443-464. São Paulo: Humanitas.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2006. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.

Mendes, Beatriz C. 1985. *Contribuição para o Estudo da Língua Portuguesa em Angola*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Naro, Anthony e M. Marta Scherre. 2003. "O conceito de transmissão lingüística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate". In *Português brasileiro: contacto lingüístico, heterogeneidade e história*, orgs. Cláudia Roncarati e Jussara Abraçado, 285-302. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Naro, Anthony J. e M. Marta Scherre. 2007. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

NURC - Projeto Norma Linguística Urbana Culta – RJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil [http://www.nurcrj.letras.ufrj.br/]

Oliveira, Klebson e Tania Lobo (eds.). 2009. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA.

Pereira, Sílvia Afonso. 2014. "A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses". In *Textos Selecionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 445-464. Porto: APL.

Petter, Margarida. 2009. "O *continuum* afro-brasileiro do Português". In *África-Brasil - caminhos da língua portuguesa*, eds. Charlotte Galves, Hélder Garmes e Fernando Rosa Ribeiro,158-173. Campinas: Editora da Unicamp.

PEUL- Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil [http://www.letras.ufrj.br/peul/index.html].

Ribeiro, Ilza M. de O. 1993. "A formação dos Tempos Compostos. A Evolução Histórica das Formas *ter*, *haver* e *ser*", In *Português Brasileiro. Uma viagem diacrónica*, orgs. Ian Roberts e Mary A. Kato, 343-386. Campinas: Editora Unicamp.

Ribeiro, Ilza M. de O. 1995. *A sintaxe da ordem do português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas.

Rodrigues, Lorena e Aline Bazenga. 2017. "A categoria caso nos pronomes pessoais de terceira pessoa: "estou estudando ela" em perspectiva sociolinguística". In *Pelos mares da língua portuguesa 3*, eds. Ferreira, António Manuel *et al*, 981-993. Universidade de Aveiro: UA Editora.

Sampaio, Maria Lúcia P. 1978. *Estudo diacrônico dos verbos TER e AVER, duas formas em concorrência*. São Paulo: Assis. Disponível online: https://pt.scribd.com/document/159053795/Estudo-Diacronico-Dos-Verbos-TER-e-HAVER-Maria-Lucia-Pinheiro-Sampaio (Acedido em 10.11.2017)

Sankoff, David, Sali A. Tagliamonte e Eric Smith. 2005. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto.

Scherre, M. Marta. 2012. "Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista". Tabuleiro de Letras. 4. Disponível em: http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf (acedido em 14.11.2017).

Segura, Maria Luísa e João Saramago. 1990. "Açores e Madeira: Autonomia e Coesão Dialectais", in *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, org. Isabel Hub Faria, 707-738. Lisboa: Edições Cosmos.

Segura, Maria Luísa. 2013. "Variedades dialetais do Português Europeu". In *Gramática do Português. Vol.I*, eds. Eduardo B. Paiva Raposo *et al*., 85-142. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tagliamonte, Sali A. 2006. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tarallo, Fernando e Tania Alkmim. 1986. *Falares crioulos. Línguas em contato*. São Paulo: Ática

Tarallo, Fernando. 1993. "Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias". In *Português Brasileiro, uma viagem diacrônica,* eds. Ian Roberts e Mary Kato, 35-68. Campinas: Editora da Unicamp.

Vianna, Juliana Barbosa de Segadas. 2011. *Semelhanças e Diferenças na Implementação de a Gente em Variedades do Português*, Dissertação de Doutoramento. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Vieira, Silvia e Sílvia Brandão. 2014. "Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português". *Lingüística* Vol. 30 (2): 81-112

Viotti, Evani. 1998. "Uma história para ter e haver". *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 34: 41-50.

Viotti, Evani. 1999. *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*. Tese de Doutoramento. USP, São Paulo.

Vitório, Elyne G. S. L. A. 2013. "As construções existenciais e a representação do sujeito pronominal". *Revista LinguíStica* V. 9, nº 2: 75-90. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/viewFile/4488/3259

Zmrecsanyi, Benedikt e Bernd Kortmann. 2009. "Between Simplification and Complexification: non-Standard Varieties of English around the World". In *Language Complexity as Envolving Variable*, eds. Geoffrey Sampson, David Gil e Peter Trudgill, 64-79. Oxford: Oxford University Press.

Weinreich, Uriel, William Labov e Marvin Herzog. 1968. "Empirical foundations for a theory of language change". In *Directions for historical linguistics*, eds. Winfred P. Lehmann e Yakov Malkiel, 97-195. Austin: University of Texas Press.

View publication stats